

FORMAÇÃO TERRITORIAL DA BAHIA: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ATLAS HISTÓRICO DA BAHIA COLONIAL (SÉCS. XVI-XVIII)

Roberto Lôbo; Erivaldo Neves e Caio Adan

1. Bolsista CNPq, Graduando em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: robertolobo.geo@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: erivaldo@uefs.br
3. Participante do Projeto, Departamento de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: caioadan@gmail.com

Palavras-Chave: Bahia Colonial, Formação Territorial, Cartografia.

Introdução

A criação de um banco de dados em ambiente *SIG* (Sistema de Informações Geográficas) a partir de mapas antigos está condicionada a um conjunto de procedimentos que inicia-se com a digitalização do arquivo analógico, passa pelo processamento em softwares específicos e, por fim, a saída dos dados destes mapas antigos correlacionados a mapas atuais de modo analógico ou digital. Porém a natureza das fontes, os mapas, precisa ser devidamente estudada, mensuração, iconografia, técnica cartográfica. É neste contexto que se estrutura os objetivos deste trabalho, estudar a história das técnicas cartográficas dos mapas antigos da Bahia Colonial, estudar e experimentar os usos de Geotecnologias em mapas antigos e estabelecer um banco de dados que sirva como subsídio para a construção de mapas históricos. Porque é de importância da sociedade ter a disposição informações respondem sobre a sua identidade sobre a existências de elementos que sobrepões no espaço e, principalmente, pela dinamicidade que as Geotecnologias propões trabalhar e dispor os dados coletados a experimentações constantes e cada vez mais inovadoras.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida à luz do estudo sobre a história da Cartografia Ocidental através de obras bibliográficas que identificasse as transformações ocorridas ao longo dos tempos no contexto das técnicas de mensuração, das referências geográficas, do modo como a realidade é apreendida e das representações da superfície da terra. Através destas informações foi possível compreender as eventualidades apresentadas no processo de georreferenciamento em ambiente *SIG*.

Um estudo sobre o uso das Geotecnologias para a construção de mapas históricos no Brasil através de pesquisas bibliográficas a fim de vislumbrar suas técnicas e aplicabilidades o que resultou num quadro metodológico.

O acesso aos mapas foi através de versões digitalizadas, arquivos de imagem no formato JPEG (*Joint Photographic Experts Group*), e com o auxílio de um software

específico foi possível o georreferenciamento com a inserção de uma projeção cartográfica (nesta situação, o Sirgas 2000) e armazenamento deste mesmo arquivo, porém com a anexação de configurações geográficas no formato *TIFF* (*Tagged Image File Format*) o que permitia sem superpostos a mapas atualizados do IBGE, disponibilizados pela internet, e a criação de uma banco de dados extraídos destes mapas antigos como de vilas, concelhos, cidades, fazendas, arraiais e estradas a partir de suas iconografias.

Resultados

A pesquisa sobre a história das técnicas cartográficas foi muito satisfatória levando em consideração, principalmente, as informações presentes nas obras *Decifrando Mapas* de Beatriz Piccolotto S. Bueno, e *Náutica e Cartografia Náutica na Origem da Ciência Moderna* de Antônio Vieira Martins que permitiram compreender os interstícios do georreferenciamento em ambiente *SIG* através da conscientização da existência de uma variação do meridiano de referência por questões políticas, diferenciação das feições topográficas entre mapas antigo e os mapas atuais, o caráter artísticos dos mapas antigos e a importância das representações da superfície da terra a partir das projeções cartográficas. Como também foi de grande importância valorizar as investigações sobre possíveis erros cartográficos propositais ou não através dos trabalhos *O Mapa das Cortes* de Jorge Pimentel Cintra e *Cartografia de um Engano: Navegabilidade e Integração no Bahia Colonial* de Caio Adan.

Não é possível estabelecer em um banco de dados em ambiente *SIG* com os mapas do período colonial brasileiro de escala cartográfica pequena porque estes apresentam variações muito grandes com a topografia adotada pelos mapas atualizados do IBGE, há uma presença intensa de feições hipertrofiadas, hidrografia e a costa litorânea do território (figura 01). Pois, ao georreferenciar, estas feições não estariam afins aos mapas atuais e os dados pós-coletados ao serem correlacionados, superpostos, a estes mapas não situar-se-ia e no local exato gerando um erro topográfico.

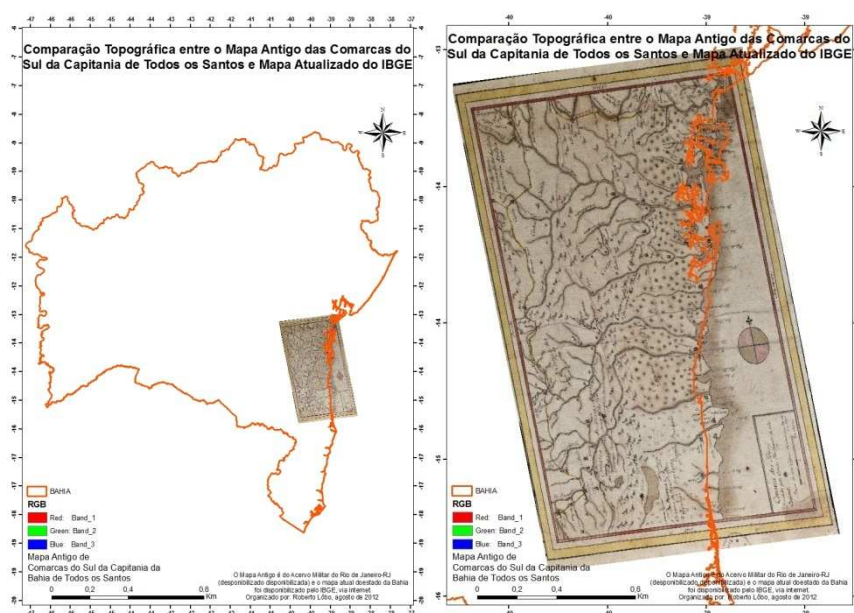


Figura01: comparação entre mapas um antigo sem nome do autor nem data de confecção com representação das Comarcas pertencente ao sul da Capitania da Bahia de Todos os Santos pertencente ao acervo de mapas antigo do Exército, RJ, e outro um mapa atual do território baiano na escala de 1:100000 disponibilizado pelo IBGE, através do site, www.ibge.br.

Considerações Finais

O uso de Geotecnologias em cartografia histórica no Brasil ainda é incipiente, mas tem contribuído para o resgate de informações históricas que não servem de interesse único e exclusivo das ciências histórica e geográfica. Elas conseguem contribuir através da conversação entre os dados, na dinamicidade de produzir mapas exaustivos, porém harmônicos pelo fato de sua leitura deixar subentendido de que todas as informações são o resultado de um processo, porém é preciso levar em consideração as condições as quais o mapa foi confeccionado já que sua historicidade técnica determinará a possibilidade de um *SIG*.

Referências

ANDRADE, Adriano Bittencourt. O Modelo Espacial da Rede Urbana do Recôncavo Baiano Setecentista à luz da Cartografia Histórica. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, RJ, Maio-2011.

ARCHELA, Rosely Sampaio. Evolução Histórica da Cartografia no Brasil: instituições, formação profissional e técnicas cartográficas. Revista Brasileira de Cartografia No 59/03, Dez-2007.

BUENO, Beatriz Piccolotto S.. Decifrando Mapas: sobre o conceito de “território” e suas vinculações com a cartografia. Anais do Museu Paulista. V. 12. Jan.-Dez.-2004.

CARVALHO, Leonardo F. de; CASTRO, José F. M.. Resgate de Mapas Históricos da Capitania de Minas Gerais em Ambiente SIG. 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, SP, Abril-2010.

CINTRA, Jorge Pimentel. O Mapa das Cortes: perspectivas cartográficas. Anais do Museu Paulista. SP. N. Sér. v.17. n. 2. p. 63-77. Jul.-Dez.-2009.

CINTRA, Jorge Pimentel. Região Amazônica: perspectivas de uma cartografia comparada. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, RJ, Maio-2011.

GOMES, Plínio Freire. Volta ao Mundo por Ouvir-Dizer: redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 17. n. 1. p. 113-135. Jan.-Jun.-2009.

MACHADO, Reinaldo Paul Pérez. Sobreposição da cartografia digital vetorial às cartas e mapas históricos da Cidade de São Paulo. USP- 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, SP, Abril - 2010.

MARTINI, Paulo R. et all. Sensoriamento Remoto como Suporte para Estudos Cartográficos sobre o Território da América Portuguesa entre 1500 e 1822. Anais do Museu Paulista. SP. N. Sér. v.17. n.1. p. 51-68. Jan.- Jun - 2009.

MARTINS, Antônio Vieira. Náutica e Cartografia Náutica na Origem da Ciência Moderna. Navigator, Rio de Janeiro, V.1 - N.2, pp. 53-68, Dez - 2005.

MARTINS, Pedro Arias; SILVA, Luiz Felipe C. F. da. Métodos para Modelagem do Fator temporal de Dados Espaço-Temporais em Historical Geographical Information Systems. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. RJ, Maio-2011.

MIRANDA, José Iguelmar. Fundamentos de Sistemas de Informações Geográficas. Embrapa Informática Agropecuária, 2005.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos et all. Georrefenciamento de Mapas Históricos: finalidades e procedimentos. II Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Lisboa, 25-26 de Out-2007.

UMBELINO, Glauco et all. Uso da Cartografia Histórica e do SIG para a Reconstrução dos Caminhos da Estrada Real. Revista Brasileira de Cartografia No 61/01, 2009.